

O *Livro de Plantas* de Hildegarda de Bingen

Maria Cristina da Silva Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
cristina.martins@ufrgs.br

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo divulgar o *Livro de Plantas* de Hildegarda de Bingen, abadessa alemã do século XII, e mostrar parte da tradução desse livro que está sendo realizada do latim ao português. O *Livro de Plantas* (*Liber I: de plantis*) é o primeiro dos nove livros que compõem o tratado científico *Physica* (*Liber simplicis medicinae*), de autoria dessa santa católica.

Palavras-chave: Santa Hildegarda de Bingen; *Livro de Plantas*; tradução; medicina medieval; latim medieval.

Le *Livre des Plantes* de Hildegarde de Bingen

RÉSUMÉ: Dans cet travail, nous cherchons à diffuser les avoir botanique qui se trouve dans le *Livre des Plantes*, de Hildegarde de Bingen, ainsi que montrer des extraits de sa traduction du latin au portugais que nous réalisons. Le *Livre des Plantes* (*Liber I: de plantis*) est le premier des neuf livres qui composent le traité scientifique *Physica* (*Liber simplicis medicinae*), écrit par cette sainte catholique.

Mots-clés: Sainte Hildegarde de Bingen; *Physica*; traduction; médecine médiévale; latin médiéval.

Introdução

Hildegarda de Bingen (1098-1179), abadessa beneditina alemã do século XII, teve uma vida de grande produção intelectual, a ponto de figurar como uma das intelectuais da Idade Média (LE GOFF, 1957; FAUTRIER, 2018). Escreveu obras variadas sobre diversas áreas do conhecimento – teologia, música, cosmologia, língua e literatura, espiritualidade e medicina –, o que faz dela uma verdadeira polímata. Legou-nos cerca de quatrocentas cartas, publicadas em três tomos pela editora Brepols (1991; 1993; 2001) e classificadas por ordem hierárquica de importância social do correspondente, tais como o monge cisterciense Bernardo de Claraval, o Papa Eugênio III e o imperador Frederico Barba Ruiva. Chegou a pregar o Evangelho em importantes cidades alemãs – Tréveris, Colônia e Mainz –, prática que ainda não estava vedada às mulheres. Por meio do estudo de suas epístolas, também somos informados de que a abadessa era procurada para realizar exorcismos e consultas espirituais (BINGEN, 2007; PERNOUD, 1996).

Em 10 de maio de 2012, o Papa Bento XVI completou o processo de canonização de Hildegarda, iniciado no século XIII, mas abandonado nesse mesmo século. Em seguida, em 7 de outubro de 2012, o mesmo Papa elevou-a à condição de trigésima sexta Doutora da Igreja Católica Romana, consagrando-a como a quarta mulher a receber esse título, ao lado de Catarina de Siena, Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux.

No final do século VI d.C., a mais antiga ordem religiosa católica de clausura monástica, a Ordem de São Bento, promoveu a produção e a difusão de conhecimento intelectual pela cópia e tradução de livros – principalmente gregos – para o latim, estimulando a prática da medicina fitoterápica. Nesse século, a obra *De materia medica* (“*Da matéria médica*”), de Dioscórides (40-90), médico, farmacêutico e botânico grego, que descrevia mais de seiscentas plantas, tinha sido traduzida para o latim¹. Alguns séculos mais tarde, houve a incorporação de outras tradições médicas, notadamente a árabe e a persa, graças à tradução de Constantino, o Africano (1020-1087), monge beneditino da Escola de Salerno (BEYER DE RYKE, 2005).

A obra científica de Hildegarda de Bingen está contida em dois tratados, conhecidos atualmente sob os títulos que lhes foram dados pelos seus primeiros editores: *Physica* “*Física*” ou “*Ciências Naturais*”) e *Beatae Hildegardis causae et curae* (“*As causas e as curas <das doenças> da Beata Hildegarda*”) ou simplesmente

¹ Antes dele, outro grego, Teofrasto, do século III a.C., já havia escrito dois livros sobre plantas e suas propriedades. Porém, a fortuna medieval de Teofrasto não foi a mesma que a de Dioscórides, uma vez que suas duas obras sobre plantas – *Historia plantarum* “*História das plantas*” e *De causis plantarum* “*Das causas das plantas*” – só foram traduzidas e publicadas em latim no século XV (SCHMITT, 1972).

Causae et curae (“As causas e as curas”)². *Physica*, composta de nove livros, apresenta os elementos do mundo natural nesta sequência: *Liber I: de plantis*; *Liber II: de elementis*; *Liber III: de arboribus*; *Liber IV: de lapidibus*; *Liber V: de piscibus*; *Liber VI: de auibus*; *Liber VII: de animalibus*; *Liber III: de reptilibus*; *Liber IX: de metallibus*. Cada livro, à exceção do segundo, é precedido por um prefácio, no qual é apresentada uma síntese do elemento ou da criatura do mundo natural (vegetal, animal ou mineral) que será descrita no capítulo. Nestes, são indicadas as aplicações desses elementos naturais para o homem tratar alguma doença, restabelecer a saúde, se nutrir ou se vestir, e aliviar o sofrimento dos animais doentes. Em *Physica*, são descritas mais de duzentas plantas, sessenta e um tipos de aves e animais voadores, além de quarenta e um tipos de mamíferos. Nessa obra, também são descritos os rios da Alemanha (com indicações de potabilidade da água) e indicados o consumo de metais, como ouro e prata, assim como o uso de pedras para fins terapêuticos. David Frawley (1988), médico ayurvédico, destaca que as qualidades atribuídas às gemas por Hildegarda são muito similares àquelas apontadas por essa escola de medicina oriental. Considera igualmente que ela tinha muito em comum com os alquimistas medievais, pois unia o uso de gemas e de minerais com o de ervas. Hildegarda recomendava o ouro para artrite, a esmeralda para dor cardíaca, dor de cabeça e epilepsia, o jaspe para rinite alérgica e arritmia cardíaca, o topázio dourado para a perda de visão e a safira azul para inflamação ocular (STREHLOW; HERTZKA, 1988). As pedras eram indicadas tanto para uso externo quanto interno. Para uso tópico, deveriam ser colocadas sobre o local afetado; para o sistêmico, deveriam ser assentadas sobre a língua, para que a saliva pudesse absorver suas propriedades. Sugeriu também, para uso interno ou sistêmico, que as pedras fossem submersas no vinho, o qual deveria ser ingerido como medicamento. Gienger (2020), geólogo e químico, afirma que não há equívoco na identificação das pedras e nas indicações feitas por

² As obras científicas de Hildegarda colocam vários problemas a serem discutidos e aprofundados em trabalhos posteriores. Em primeiro lugar, os livros que conhecemos como *Physica* e *Causae et Curae* não fazem parte do mais antigo manuscrito, o *Riesenkodex*, copiado entre 1180 e 1190, que reúne todos os outros escritos da santa, que são de cunho teológico, linguístico, místico, musical e epistolográfico (MOULINIER, 1995, p. 45). O fato de essas obras científicas não constarem no *Riesenkodex* sugere que estariam sendo consideradas como uma obra à parte. Corroborando essa hipótese, há testemunho de que foram traduzidas para o médio alto-alemão do século XV e usadas nas universidades de Heidelberg, pelo que demonstram os fragmentos copiados por Erhard Knab e Gerhard von Hohenkirchen (MOULINIER, 1998, p. 135). Além disso, esses dois livros faziam parte de uma única obra, denominada *Liber subtilitatum diuersarum naturarum creaturarum*. Essa revelação está em uma carta de 1170, de Volmar, que menciona esse título para uma obra de Santa Hildegarda, que englobaria *Physicae Causae et curae* (MOULINIER, 1998, p. 136). Assim, a botânica de Hildegarda constitui uma questão difícil de abordar, em razão dos problemas ligados aos textos que nos foram transmitidos. Outras questões também merecem ser explicadas: há divergências no número de capítulos (ou seja, no número de plantas), nos principais manuscritos completos, e igualmente na sequência dos mesmos. Ainda restam dúvidas quanto às fontes do seu conhecimento e à identificação exata de todas as plantas a que ela se refere.

Hildegarda. O estudioso afirma, por exemplo, que a esmeralda, por pertencer à família dos berilos, contém anéis de silicato, responsáveis por aliviar as dores. Na atualidade, a medicina ortomolecular emprega minúsculas quantidades de metais, na forma de sais minerais, para o restabelecimento da saúde e a prevenção de diversas doenças. A medicina holística, por sua vez, faz uso de pedras, ervas, flores, óleos essenciais etc., buscando extrair a energia desses elementos, com fins terapêuticos.

Causae et curae estrutura-se em cinco livros: o Livro I trata da criação do mundo, inspirado no Gênesis (como muitos livros medievais), da cosmologia e da cosmografia; o Livro II, que corresponde a três quartos da obra, versa sobre as doenças às quais o homem pode estar sujeito; os Livros III e IV sugerem diferentes curas para as enfermidades. Finalmente, o Livro V aborda questões gerais sobre a medicina, como os sinais de vida e de morte, a aplicação da uroscopia e astrologia para diagnósticos médicos e indicações básicas de higiene.

Nessas duas obras de ciências naturais, Hildegarda apresenta as doenças de um ponto de vista medicinal, objetivo e técnico, diferentemente de seus escritos teológicos. No entanto, como a concepção de saúde da abadessa reunia bem-estar físico, emocional e espiritual, suas obras teológicas procuram igualmente estimular o homem a viver em harmonia com Deus, com a natureza e com o universo.

No contexto da medicina e da mística hildegardiana, destaca-se o termo *uiriditas*, derivado de *uiridis* “verde”. Essa palavra não foi criada por Hildegarda, pois já existia em latim clássico, significando, num sentido concreto, “vegetação” e “verdor” (Cic. *Sen.* 51; 57; Plin. *HN*, 37, 76) e, em sentido figurado, “flor da idade” e “vigor” (Cic. *Tusc.*, 3, 75 e *Amic.* 11) (GAFFIOT, 1934, p. 1621). O sentido de *uiriditas* foi expandido por Hildegarda, pois parece designar o vigor ou a energia vital proveniente de qualquer elemento da natureza, que, por sua vez, é obra de Deus. O desequilíbrio entre o corpo, a alma e o espírito é causado pela perda da *uiriditas*. No *Liber diuinorum operum*, Hildegarda chama a atenção para que as pessoas procurem não ter instabilidade de pensamentos, pois

os maus pensamentos atacam o organismo do homem tais como as bestas: assaltam o homem como um lobo faminto ou como um cervo ou como um caranguejo. É a alma que fornece ao homem, em certa medida, a energia vital do seu corpo e dos seus sentidos. (*Liber diuinorum operum*, IV, *apud* DUMOULIN, 2012, p. 59. Tradução nossa).

Este trabalho tem como objetivo dar a conhecer o conteúdo do Livro de

Plantas (Liber I: de plantis), de longe o mais extenso da obra *Physica*, assim como apresentar a tradução de dois capítulos da obra. O texto latino estabelecido por nós baseia-se na edição diplomática³ de Müller e Schulze (2008). O nosso objetivo é oferecer, em breve, a tradução integral do *Livro de Plantas*, feita a partir do latim e, assim, contribuir para que o trabalho científico de Santa Hildegarda seja, aos poucos, disponibilizado ao público de língua portuguesa.

1. Os jardins de plantas e a Teoria dos Humores

Muito do conhecimento médico fitoterápico adquirido por Hildegarda de Bingen deve-se ao fato de ela ter sido uma continuadora da tradição de sua ordem religiosa. Porém, sua própria observação e experimentação contribuíram para a formação de seu saber fármaco-botânico. Paz (1999)⁴ coloca uma questão importante: ser mulher na Idade Média significava escrever adequadamente para um público masculino e confrontar-se com um preconceito que se baseava na sentença de Paulo de Tarso (1, Tim. 2,12), segundo o qual às mulheres não era permitido ensinar, aprender e transmitir conhecimento, podendo elas apenas obedecer ao marido e ficar em silêncio. Sabemos que a abadessa não fez referências às fontes do seu conhecimento e que ela própria declarou, no *Liber uitae meritorum* (“*Livro dos Méritos da Vida*”), ter recebido da Luz Viva “as sutilidades de diferentes tipos de criaturas”. Isso ocorreu provavelmente para que ela se adequasse à determinação canônica de Paulo de Tarso, o que também justifica as atitudes de humildade de Hildegarda⁵, denominando-se uma “pobrezinha figura feminina e inculta no magistério humano” (*et ego paupercula feminea forma et humano magisterio indocta*⁶), na *Explanatio regulae Sancti Benedicti* (“*Explicação da Regra de São Bento*”), e escrevendo “não desprezes quem escreve isto na forma de mulher, que é inculta na ciência das letras” (*in forma feminae haec scribentem ne despiciatis, quae doctrina litterarum indocta est*), na *Explanatio symboli sancti Athanasii*⁷ (“*Explicação do Credo de Santo Atanásio*”). No entanto, a retórica clássica já contemplava, dentro do exórdio, uma fórmula de humildade, com objetivo de preparar a benevolência do auditório: a *captatio benevolentiae*

³ Uma edição diplomática consiste na reprodução tipográfica do original manuscrito, como se fosse uma completa e perfeita cópia da grafia, das abreviações, das ligaduras, de todos os sinais e lacunas, inclusive dos erros e das passagens estropiadas (SPINA, 1977, p. 77).

⁴ Paz indica alguns autores latinos que, segundo ele, formariam a base das ideias filosóficas e científicas de Hildegarda. São eles: Cícero, Ovídio, Sêneca e Plínio, o Velho. O assunto das fontes de Hildegarda é bastante complexo e não poderá ser devidamente explorado no âmbito deste trabalho.

⁵ A atitude de desqualificação pessoal encontrada em Hildegarda está presente também em outras proeminentes figuras femininas da Antiguidade Tardia, contemporâneas de São Jerônimo, como Santa Paula e Santa Marcela (MARTINS, 2020) e Egéria (MARTINS, 2017). Ao nosso ver, essa conduta era adotada apenas para que fossem aceitas, com base na cultura da época. Mas não significava que pensassem dessa maneira sobre si mesmas.

⁶ MIGNE, *Patrologia latina* 197, coluna 1055.

⁷ MIGNE, *Patrologia latina* 197, coluna 1078.

(LAUSBERG, 2011).

As ciências médicas da Idade Média assentavam-se nas concepções de Hipócrates (460-337 a.C.), sistematizadas por Galeno (129-199) e difundidas por Oribásio (320-400). Segundo essa teoria, chamada de Teoria dos Humores – terminologia derivada de seu sentido etimológico, ou seja, “líquido orgânico” (ERNOUT; MEILLET, 2001, p. 745) –, todas as substâncias são derivadas dos quatro elementos essenciais: ar, fogo, água e terra. Cada elemento é composto por um conjunto de qualidades primárias: quente, frio, úmido e seco. Assim, estabeleceram-se correspondências entre os elementos e suas qualidades primárias, os humores e seus órgãos físicos relacionados, os temperamentos (sanguíneo, colérico, fleumático ou melancólico) e as estações:

1. ar / quente e úmido / sangue / coração / sanguíneo / primavera;
2. fogo / quente e seco / bÍlis / fÍgado / bilioso (ou colérico) / verão;
3. água / fria e úmida / pituíta / cérebro / linfático (ou fleumático) / inverno;
4. terra / frio e seco / atrabÍlis / baço / melancólico / outono.

O médico medieval tentava corrigir a discrasia dos pacientes prescrevendo uma dieta e um regime de vida apropriados antes de recorrer a um remédio. Discrasia, termo de origem grega que significa “mau humor”, é a alteração na composição dos humores. A doença era atribuída ao desequilíbrio no nível dos quatro humores básicos do organismo: sangue, bÍlis (amarela), pituíta (muco/fleuma) e atrabÍlis (bÍlis negra). Esses humores variavam de pessoa para pessoa, dependendo também da idade, do sexo, do clima e de outros fatores. A mistura equilibrada dos humores tem a designação de eucrasia.

Hildegarda partiu dos conceitos gregos de *eucrasia* e *discrasia*, mas dividiu os elementos e os humores em pares dominantes e subordinados: os elementos “superiores” eram celestiais e imateriais, enquanto os “inferiores” eram terrestres e materiais. Da mesma forma, segmentou os humores em duas classes, os *flegmata*, dominantes, e os *liuores*, subordinados (*Causae et curae, Liber II, apud BINGEN; MONAT, 2019, p. 70*). Quanto maior fosse o grau de desarmonia entre esses líquidos, mais grave seria a doença.

A concepção das ervas e das plantas de Hildegarda estava ligada a um simbolismo, o qual também estava presente em sua interpretação da criação do universo e expresso em suas obras proféticas: *Scito uias Domini* (“Conhece os caminhos do Senhor”, de 1151), *Liber uitae meritorum* (“Livro dos Méritos da Vida”, de 1163) e *Liber diuinatorum operum* (“Livro das Obras Divinas”, de 1173). Ela postulava que todas as plantas eram quentes ou frias, e que o calor delas representava a alma, enquanto o frio, o corpo. As características das plantas buscavam revelar os benefícios ou malefícios que estavam nelas escondidos, ou seja, as suas sutilezas, tal como sugere o próprio nome que Hildegarda deu ao

seu tratado de ciências naturais: *Liber subtilitatum diuersarum naturarum creaturarum* (“*Livro das sutilezas das diversas criaturas naturais*”)⁸.

2. *Liber I: de plantis*

O *Livro de Plantas* situa-se, no contexto da vasta obra de Santa Hildegarda, dentro de uma perspectiva medicinal, como são de fato os livros *Physicae Causae et curae*. Esses tratados distinguem-se das obras teológicas e epistolográficas de Hildegarda, nas quais também encontramos indicações curativas em relação aos elementos da natureza.

Primeiramente, no *Livro de Plantas* são descritos os valores nutritivos dos vegetais e, em seguida, são especificadas suas propriedades medicinais ou mágicas, conforme o caso. O trigo (Capítulo I – *triticum*) abre o *Liber I: de plantis* e é representado como uma planta na qual não há nenhum defeito (*in eo nullus est defectus*). O funcho (Capítulo LXVI – *feniculum*) é indicado como a melhor planta para combater as doenças dos olhos; as raízes de íris (Capítulo CXVIII – *suertele*), por sua vez, quando embebidas no vinho, são usadas no tratamento de cálculos e de lepra; a sálvia (Capítulo LXIII – *saluia*) é útil contra dores de estômago. O poejo (Capítulo CXXVI – *poleya*) é uma verdadeira panaceia, porque contém as virtudes de quinze outras ervas (*quindecim herbarum aliquam uirtutem in se habet*). Hildegarda recomenda seu uso, entre outras coisas, para combater a febre, bem como males do estômago, do pulmão e dos olhos.

A abadessa nos surpreende por ter sido a primeira pessoa a citar certas plantas e seus empregos. No *Livro de Plantas*, encontramos a referência pioneira do cravo-da-índia (*cariofiles*) como especiaria (DONKIN, 2003), primeiramente citado no capítulo XXI (*Nux Muscata*, “noz-moscada” e, um pouco adiante, apresentado como título de capítulo XXVII (*cariofales*)). Foi também Santa Hildegarda a primeira pessoa a distinguir claramente entre duas espécies de lavanda: a *lavanda vera* e a *lavanda spica* (FLUCKIGER; HANBURY, 1874; LISBALCHIN, 2002). A maior parte das lavandas comercializadas e cultivadas nos dias de hoje pertence às espécies *stoechas* e *spica*.

O fato de a abadessa ter vivido em um local com a natureza ainda intacta, entre 1150 e 1158, proveu as condições necessárias para que ela pudesse observar uma série de espécies de plantas em estado selvagem, as quais, no *Liber I: de plantis*, são denominadas por seu nome vernacular. Quando estudadas, as plantas selvagens sugerem que podem ser subdivididas: algumas não são úteis para consumo, outras são tóxicas ou venenosas e, por fim, ainda existem as que apresentam propriedades mágicas. Alguns exemplos são: *huswrz* (Capítulo XLII – sempre-viva-dos-telhados: *utilis non est homini*, “não é útil ao

⁸ Vide nota 2.

homem”), *scitwurz* (Capítulo XLIII – briônia: *inutilis ad usum hominis*, “inútil para o uso do homem”), *helhobet* (Capítulo XLV – açafreão-do-prado: *nulli homini ad comedendum ualet* “não possui nenhum valor alimentício” (literalmente “para o homem comer”). Todas as plantas selvagens são passíveis de uma descrição mais detalhada. Por exemplo, a briônia (*scitwurz*), além de ser tóxica, é inútil para o consumo humano, mas pode ser transformada em um unguento para curar úlceras na pele. Já a sempre-viva-dos-telhados (*huszwurtz*) pode curar a surdez, ao ser misturada com o leite materno de uma mulher que tenha dado à luz um menino.

No Livro de Plantas, são descritas pouco mais de duzentas plantas. Hildegarda explora tudo o que a natureza tinha a oferecer em termos de tratamentos com a “medicina simples” (*medicina simplicis*), como era denominada a medicina por meio de plantas na Idade Média. No prólogo desse livro, Hildegarda afirma: “toda a erva ou é quente ou fria, e assim cresce, porque o calor das ervas representa a alma, e o frio, o corpo” (*omnis autem herba aut est calida aut frigida, et sic crescit, qui<a> calor herbarum animam significat et frigus corpus*). Na obra, encontram-se representados cereais, legumes, frutas, sementes e especiarias. Curiosamente, a partir do capítulo 172, a ordem de sucessão dos capítulos, anunciada no começo do livro, deixa de ser respeitada. Infiltram-se elementos não vegetais como mel, leite, manteiga, açúcar, sal, vinagre, ovos, entre outros (cap. 178-188). Ao que tudo indica, essas substâncias foram acrescentadas em séculos posteriores. De acordo com Moulinier (1998, p. 135), a *Physica* original apresentava-se como uma obra aberta, propensa a adições e interpolações, que podem ter sido incorporadas entre os séculos XIII e XV, quando esses manuscritos foram copiados (MOULINIER, 1994, p. 77.), tal como aconteceu com a obra *Circa instans*, do médico salerniano Platearius⁹.

Convém salientar que Bernardo de Claraval, padrinho de Hildegarda e figura que legitimou suas obras, condenava a sua medicina, pois, segundo ele, era incompatível com o voto de pobreza das Ordens Beneditina e Cisterciense. Mesmo assim, sabemos que ela pôde beneficiar muitas pessoas, pois uma massa de peregrinos, tanto homens quanto mulheres, procuravam-na, vindos desde a Gália tripartida até a Germânia, buscando conselhos para suas aflições espirituais e corporais (FAUTRIER, 2018, p.50). Em *Vita Hildegardis*¹⁰ (VH I, VII 121, *apud* FAUTRIER, 2018, p.42), lê-se: “Da cidade de Bingen e localidades vizinhas vinham ao seu encontro funcionários de Estado e uma multidão considerável de pessoas comuns, as quais ela acolhia com alegria, cantando

⁹ Sobre a fortuna e os acréscimos ao texto dessa obra ao longo da Idade Média, vide Keil (1994).

¹⁰ A obra *Vita Sanctae Hildegardis* – normalmente referida como *Vita* – é a principal fonte biográfica de Santa Hildegarda. Foi escrita por dois monges, Godofredo de Disibodenberg e Teodorico de Echternach, entre 1173 e 1175, enquanto Hildegarda ainda estava viva. Godofredo escreveu o Livro I dessa obra, e Teodorico de Echternach assumiu a tarefa de terminá-la, concluindo-a em 1190, após a morte de Hildegarda e de Godofredo (PAZ, 1999, p. 11-13).

louvores a Deus” (Tradução nossa).

3. Tradução de dois capítulos do *Liber I: de plantis*

Apresentaremos abaixo dois capítulos do *Livro de Plantas*: samambaia (Capítulo XLVII - *farn*) e íris (Capítulo CXVIII - *swertelen*), conforme estabelecidos pela edição diplomática de Müller e Schulze, (2008; p. 14-15; p. 36-38; p. 81-83), baseada no Codex Laurenziano Ashburnham 1323 (ca. 1300), localizado em Florença. Atualmente, temos conhecimento de cinco manuscritos completos de *Physica* (e vários fragmentos); no entanto, nenhum deles é autógrafo¹¹.

A samambaia e a íris foram escolhidas porque fazem parte de grupos de plantas bastante representativos no *Liber I: de plantis*. A samambaia é uma planta selvagem; a íris, por sua vez, é uma das várias flores prescritas por Hildegarda.

3.1. Critérios de Tradução

A variedade de latim com a qual se expressava Hildegarda apresenta diferenças em relação à clássica. Quanto à ortografia, verificam-se muitas particularidades, como inconsistências gráficas para uma mesma palavra – tanto do latim quanto de sua língua materna. Optamos por manter essas palavras originais em médio alto-alemão entre parênteses e traduzi-las para o português com base nas explicações obtidas no dicionário filológico de *Physica* composto por Hildebrant (2014). Observam-se também, sistematicamente, palavras grafadas com vogais simples ao invés do ditongo clássico. Assim, por exemplo, lê-se *sepe* em vez de *saepe*.

Algumas dificuldades de tradução surgem quanto ao emprego de palavras polissêmicas. *Virtus*, um adjetivo bastante utilizado para qualificar as plantas, é um desses casos. Essa palavra deriva de *uir*; assim, no sentido etimológico, significa “a força própria do varão”, “a energia masculina”, “as qualidades do homem viril”. Dependendo do contexto, *uirtus* foi traduzido por “força”, “virtude”, “qualidade” ou “energia”, acepções já encontradas no latim clássico. *Vis*, também ligada à mesma raiz de *uir*, possui praticamente as

¹¹ Os manuscritos completos de *Physica* em latim são os seguintes: 1) Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Cod. Laur. Ashburnham 1323, séculos XIII e XIV; 2) Wolfenbüttel, Herzog-August-Bibliothek, Cod. Guelf. 56,2 Aug. 4º, séculos XIII-XIV; 3) Paris, Bibliothèque National, Cod. 6952, século XV; 4) Roma, Biblioteca Apostolica Vaticana, Cod. Ferrajoli 921, século XV; 5) Bruxelas, Bibliothèque Royale, Cod. 2551, séculos XV-XVI. Os manuscritos e fragmentos dos manuscritos de *Physica*, que existem tanto em latim quanto em médio alto-alemão, são apresentados com detalhes na introdução de Müller e Schulze (2008, p. XI-XII). Um resumo da história dos manuscritos de *Physica* pode ser encontrado em Adamson (1995) e Moulinier (1995).

mesmas acepções de *uirtus*. Muitas vezes, traduzimos essa palavra por “força curativa”.

As palavras entre colchetes angulares (<...>) no texto em português foram acrescentadas para dar mais coerência à tradução, mas não fazem parte do texto latino. O ponto de exclamação (!) foi adicionado por Müller e Schulze (2008) para chamar a atenção de algo considerado incoerente. Convém destacar igualmente que o texto latino apresenta trechos redundantes e repetitivos, o que nos levou, algumas vezes, a excluí-los. Uniformizamos os tempos verbais quando se misturavam consideravelmente. Por exemplo, o presente do subjuntivo é frequentemente usado em uma mesma frase com o presente do indicativo. Vale destacar que se verifica o uso do subjuntivo com valor de imperativo presente, com nuance de advertência ou de conselho, tal como também se empregava em latim clássico (ERNOUT; THOMAS, 1953).

Há inúmeras questões a serem investigadas no que diz respeito à crítica textual, que não serão tratadas neste trabalho. Por exemplo, os autores Müller e Schulze (2008), em sua edição diplomática, lançam a hipótese de que as numerosas anotações de margem, tanto em alemão quanto em latim, além de algumas glosas interlineares do manuscrito, foram escritas pelo mesmo copista que copiou o texto principal a partir do fólio 24r. Chegam a mencionar que algumas anotações foram feitas por outras mãos (por exemplo, as marginais dos fólhos 5r, 12r, 24v e 52r). Permanece em aberto se essas glosas teriam sido escritas pelo copista ou se foram copiadas por ele a partir de um manuscrito secundário. Certas glosas propõem trechos alternativos para uma determinada passagem, tal como um complemento distinto do que se apresenta no texto principal. Podemos citar o seguinte exemplo, extraído do capítulo XI (*hanef/canapus* - Cânhamo):

Hanef [...] in stomacho [...] lene est et utile, ita quod slim de stomacho aliquantulum [gl: ad stomachum] aufert, atque malos humores minuit, et bonos humores quek facit.

O cânhamo [...] no estômago <dos homens sãos> é leve e útil, de tal maneira que retira um pouco de muco (*slim*) [gl: ao estômago] do estômago. Diminui maus humores e produz bons humores fortes (*quek*).

O verbo *aufero* pode ser traduzido como “levar” ou “retirar”, entre outras acepções. No texto principal, o complemento *de stomacho* nos leva a interpretar *aufero* como “retirar” e, portanto, a traduzir o trecho *de stomacho aufert* como “retira do estômago”. Na glosa, por outro lado, encontra-se o complemento *ad stomachum*, que nos permite a tradução “leva para o estômago”.

Algumas glosas presentes nos capítulos “samambaia” e “íris” acrescentam palavras em latim que correspondem às palavras alemãs mencionadas no texto. Por exemplo, *farn, id est filix*, remete às denominações da samambaia em sua língua vernacular e em latim. Da mesma forma, *suertele uel acorus* são as denominações da íris em médio alto-alemão. Encontramos, além disso, glosas em latim que repetem uma informação já expressa no corpo do texto. Assim, *surditas* “surdez” é uma glosa para *surdus* “surdo”.

Como se disse anteriormente, uma edição diplomática procura ser fidedigna ao manuscrito, reproduzindo até mesmo os erros nele contidos. Um exemplo disso é o *Na*, completamente sem sentido, que se encontra no capítulo da íris (Capítulo CXVIII – *swertelen*).

3.2. Samambaia (Capítulo XLVII – *farn*)

[gl: *Farn, id est filix*]

Samambaia

Farn ualde calida est et arida et modicum de succo in se habet, sed multam uirtutem in se habet, et talem scilicet uirtutem, quod dyabolus ipsam fugit, et calor eius uirtutem suam de calore solis habet, et etiam uirtutes quasdam tenet, que uirtuti solis assimilantur, quia ut sol obscura illuminat, sic ipsa fantasias fugat, et ideo maligni spiritus eam dedignantur.

A samambaia (*farn*) é muito quente e árida. Tem em si pouco suco, mas tem em si muita virtude, e, evidentemente, a virtude é tal que faz com que o próprio diabo fuja dela. O calor dela tem a sua virtude a partir do calor do sol. E, também, possui certas virtudes que se assemelham à virtude do sol. Pois, como o sol ilumina as coisas escuras, a samambaia afugenta as aparições, e, por isso, os espíritos malignos a detestam.

*Et in loco illo, ubi crescit, dyabolus illusiones suas raro exercet, et domum et locum, in quo est dyabolus, uitat et abhorret, et fulgura et tonitrua ac grandio ibi raro cadunt, atque in agro, ubi crescit, grandio raro cadit. Sed et hominem, qui apud se portat, magica et inuocationes demonum, atque dyabolica uerba et alia fantasmata deuitant. Et si aliqua ymago secundum aliquem hominem paratur ad lesionem et ad mortem illius, et si tunc ille *farn* apud se habet, eum nocere non*

Naquele lugar onde ela cresce, o diabo exerce raramente suas zombarias; o diabo evita e abomina a casa e o lugar no qual está <a samambaia>; e onde ela cresce raramente caem raios e trovões, e no campo onde cresce, raramente cai granizo. Também, a pessoa que a carrega junto de si evita a mágica e as invocações dos demônios, assim como as palavras diabólicas e outras

ualet. Nam homo interdum per ymaginem maledicitur, ita quod inde leditur et amens fit.

Cum nam dyabolus hominem in paradiso sibi attraxit, quoddam signum memoriale in dyabolo factum est, quod in eo usque in nouissimam diem permanebit, et cum ipse (!) per aliqua uerba, que per deceptiones eius aliquando facta sunt, interdum abhomine inuocatur, signum hoc, quod in eo mansit, tangitur, et ita ille, prouocatus et illectus, multotiens per uerba illa aut hominem ledit aut uoluntatem eius implet, super quem dicuntur. Interdum etiam homo per factam ymaginem benedicitur, ita ei ad prosperitatem et sanitatem corporis prodest.

Malum per odium et per inuidiam paratur, et malum malo coniungitur, et dyabolica suggestio coagulationem

aparicções. Se alguma imagem é preparada para ferir ou matar alguém, mas se a pessoa tiver junto de si uma samambaia, <a imagem> não tem o poder de prejudicá-la. De fato, uma pessoa às vezes é amaldiçoada por uma imagem, a tal ponto que se enfraquece e perde a razão.

Quando, de fato, o diabo atraiu o homem para si no paraíso, fez-se um certo sinal em memória do diabo, o qual permanecerá nele até o último dia. E quando esse, de tempos em tempos, é invocado pelo homem, por certas palavras, que foram outrora produzidas por enganações dele, esse sinal que nele permaneceu é tocado. E, assim, o diabo provocado e incitado várias vezes por essas palavras, ou prejudica o homem sobre quem elas são ditas ou satisfaz a vontade dele. Ocasionalmente, um homem pode ser benzido por uma imagem, que pode ser útil à prosperidade e saúde do corpo.

O mal é provocado pelo ódio e pela inveja, e o mal liga-se ao mal. A sugestão diabólica examina a coagulação¹² do homem e se liga a

¹² *Coagulatio, -onis*: em latim clássico, essa palavra significa “coagulação”, de onde provém o termo e seu sentido em português. Plínio (*HN* 23, 1, 18) emprega essa palavra para se referir à “coagulação do leite”, acepção usual na nossa língua. Porém, no dicionário de latim medieval Du Cange, não encontramos essa palavra. Tampouco encontramos em Blaise (1954) uma acepção que pudesse ser usada na tradução da passagem em questão. Consultamos as traduções de Monat (2011) para o francês e de Hozeski (2001) para o inglês, ambas baseadas na edição da *Patrologia latina*, cujo texto latino provém do manuscrito de Paris. Tanto no manuscrito de Paris quanto no manuscrito de Florença esse trecho aparece de forma idêntica. Em Monat, lê-se: “*Et La méchanceté Du diable voit celle qui est déjà accumulée en l’homme; elle s’enprend sans cesse à l’homme, et le mal s’unit ainsi au mal*” (“E a maldade do diabo vê aquela que já está acumulada no homem; ela se prende sem parar ao homem, e o mal se une assim ao mal”. Tradução nossa.). Já na tradução de Hozeski, lê-se: “*Diabolical suggestion looks into a person’s being and joins itself to the person; it always ambushes a person this way, and thus evil is joined to evil.*” (“A sugestão diabólica examina o ser de uma pessoa e

hominis inspicit et se ad illam coniungit, et ita semper homini insidiatur, atque sic malum malo coniungitur. Et sicut homo bonam et malam scientiam habet, ita etiam et bone et male herbe create sunt ad hominem, succus autem farn positus est ad sapientiam, et in honestate nature est in significatione boni et sanctitatis, et ideo omnia mala et magica eam fugiunt et deuitant. Nam in quacumque domo est, uenenum, id est uergibnisse, et fantasie et magica ad perfectum fieri non possunt. Unde etiam mulieri, cum infantem parit, farn illi circumponatur, et etiam in cunis infantis circa infantem, et dyabolus ibi tanto minus insidiatur, id est faret, quia cum dyabolus faciem infantis primum inspexerit, illum ualde odit, ac ei insidiatur. Ad has quoque medicinas ualet. Nam qui uirgichegit is, farn accipiat, [gl: paralisia] cum uiridis est, et eam in aqua coquat, et in ipsa aqua sepe balneat, et gich in eo cessabit, quoniam magna uirtus eius undas humorum expellit, de quibus paralisia nascitur.

38

Et etiam in estate, cum uiridis est, folia eius super oculos tuos sepe pone et sic dormi, et oculos tuos purificat et

ela. E, assim, sempre é preparada uma armadilha ao homem de tal modo que o mal se liga ao mal. Assim como alguém tem boa ou má consciência, assim também foram criadas boas ou más ervas para o homem. O suco da samambaia, entretanto, é destinado à sabedoria e vive na nobreza da natureza, em sinal do bem e da santidade; e, por isso, todos os males e magias fogem <da samambaia> e a evitam. Em qualquer casa em que se encontre, o veneno, isto é, *uergibnisse*, as visões e a mágica não podem ocorrer plenamente. Onde uma mulher tenha dado à luz uma criança, que se coloque samambaias em volta do berço; aí o diabo exercerá menos o seu poder de trapaça, isto é, *faret*, porque, quando o diabo tiver examinado pela primeira vez o rosto de uma criança, ele terá muito ódio dela e fará armadilhas contra ela. Também, <para a mãe e a criança>, <a samambaia> tem valor de remédio. Com efeito, aquele que está com paralisia (*uirgichegit*), que receba a samambaia (*farn*) [gl: paralisia] quando está verde e a cozinhe na água e que se banhe frequentemente nessa água. E a gota (*gich*) cessará nele, porque sua grande força expele as ondas dos humores, dos quais nasce a paralisia.

E também no verão, quando a samambaia está verde, coloque frequentemente sobre os olhos as

se une à pessoa; e, dessa forma, sempre trama uma emboscada para a pessoa e, assim, o mal junta-se ao mal." Tradução nossa.)

clarificat et caliginem ab eis aufert bona uirtute sua. Sed et qui surdus est, ita quod non au- [gl: surditas] dit, semen farn in panniolum liget, et ita in aurem sepe ponat, in qua surdus, cauens, ne in caput per aures intret, et auditum recipiet, quia malos humores, de quibus aures surdescunt, expellit.

Et qui uirgichiget est in lingua, ita quod loqui non potest, semen eius sub linguam suam ponat, et gich in lingua sua cessabit et loquitur, quoniam uis eiusdem seminis ligamen paralysis exsoluit. Sed et qui captiua in lingua sua est, ita quod balbutit aut blesus est, idem semen sub lingua sua sepe habeat, et uis eius humores, qui lingue impedimentum faciunt, compescit et prompte loqui facit.

Sed etiam homo, qui immemor ac inscius [gl: memoria] et uergezzen est, id est agezel, semen farn in manu sua teneat, ita ut in manu calefiat, et quamdiu ille in manu sua tenet, ad memoriam sui redit et intellectum recipiet. Itaque intelligibilis erit, qui prius unuirstentlich ist, quia calor eiusdem seminis uenas scientie hominis et, que ad cerebrum de manu tendunt, purificat.

folhas dela para dormir; ela purifica e clareia os olhos e tira visão turva pela sua boa qualidade. Mas também se alguém estiver surdo e assim não ouvir [gl: surdez], prenda semente de samambaia em um paninho e ponha frequentemente dentro do ouvido que está surdo, prevenindo para que não entre na cabeça pelos ouvidos. E recuperará a audição, porque expelirá os maus humores, através dos quais os ouvidos ensurdecem.

Se alguém tiver uma paralisia na língua (*uirgichtiget*) de tal maneira que não possa falar, ponha semente de samambaia embaixo de sua língua, pois o travamento da língua cessará e a pessoa poderá falar. Porque a energia do pano com a semente dissolve a paralisia. Mas aquele que estiver com a língua presa, como se gaguejasse ou balbuciasse, ponha a mesma semente frequentemente sob a língua. Os humores que estão na língua e que causam esse impedimento são contidos pela energia <da samambaia>, que prontamente faz <a pessoa> falar.

Mas também, a pessoa que está sem memória e sem consciência [gl: memória], isto é, *uergezzen* e *agezel*, que pegue semente de samambaia em sua mão, para que a aqueça. Durante o tempo que a segurar, recuperará a memória e o intelecto. E assim, se tornará inteligível aquele que não podia ser compreendido (*unuirstentlich*), porque o calor dessa semente, o qual se estende da mão até

o cérebro, purifica as veias do <local do> conhecimento do homem.

A samambaia é uma das plantas selvagens da região do Palatinado-Renano onde Hildegarda se instalou. Podemos supor que ela não conhecesse o nome em latim, porque uma glosa o identifica: *felix*.

De acordo com Hildegarda, a samambaia, por sua virtude excepcional e pelo fato de ser muito quente, possui poderes de proteção contra o diabo, afugentando-o (*dyabolus fugit*). Além de promover saúde e proteção espiritual, essa planta também é recomendada para curar problemas nos olhos, surdez, dificuldades de expressão por perda de memória e fraqueza mental, travamento na língua, paralisia e gota. Segundo Hildebrant (2014, p. 103), a palavra do médio alto-alemão *-virgichtiget-* pode ser interpretada como “paralisia”, “gota”, “artrite”, “dor lombar”, “dor ciática” ou “reumatismo”. O que levou o autor a essa análise é o fato de uma parte da palavra *-gicht-* significar “gota” em alemão moderno, termo que também se encontra em Hildegarda.

Do ponto de vista de seus atributos místicos, a samambaia é considerada, ainda nos dias de hoje, uma poderosa planta de proteção, regida pelo planeta Saturno. Seus ramos são indicados para defumar a casa e, assim, espantar tudo aquilo que causa desequilíbrio e doença (EIROA, 2021). Por outro lado, do ponto de vista científico, as propriedades medicinais da espécie de samambaia descrita por Hildegarda *-Athyrium filix-femina-* estão sendo investigadas. Por exemplo, pela aplicação de extratos obtidos do rizoma e das folhas da planta, tem-se identificado um forte potencial antibacteriano contra *E. coli*, *S. aureus* e *B. megaterium* (SALEHI *et al.*, 2019).

3.3. Íris (Capítulo CXVIII – *swertelen*)

[gl: *suertele uel acorus*]

Suertele ou íris

Suertele, id est gladiola, calida est et sicca et omnis uis eius in radice est, et uiriditas eius in folia ascendit.

Suertele, isto é, a íris, é quente e seca. Toda sua força está na raiz, mas seu vigor sobe para as folhas.

*In maio autem succum eorundem foliorum tolle et aruinam in patella liquefac, et succum istum adde et sic unguentum para, [gl: 🖱] ita ut uiride appareat, et illum, qui minutam, id est cleinen, scabiam habet, eodem unguento sepe [gl: *scabies minuta*] perunge, et*

Em maio, extraia o suco das folhas, dissolva banha de porco numa vasilha e adicione esse suco. Prepare, assim, um unguento [gl: 🖱] que pareça verde. A pessoa que possui uma pequena ulceração, isso é, *cleinen*, ou sarna aplique esse unguento

curabitur. Nam scabies de repentino calore superfluum humorum surgens uirtute gladiole minoratur et bono calore aruine superatur, cum sibi commiscetur.

Et qui in facie duram cutem habet, ut cortex est, aut qui in ea bollechete est, aut qui malum colorem in ea habet, succum eorundem foliorum exprimat et eum in uas ad aquam salientium uel ad aquam magnorum fluuiorum, ut et Na est, fundat, et simul modice calefaciat, et ita aqua illa cum hoc succo moderate calefacta faciem suam lauet et [gl: ad faciem] hoc sepe faciat, ut suauem cutem ac bonum et pulchrum colorem habebit in facie.

Iecur [gl: nota] enim et pulmo, cum iniustum calorem habent, eum ad faciem hominis producunt et ita cutis faciei dura et pustulosa fit, quod suauis calor gladiole ac calefacta frigitas salientium fontium aut magnorum fluuiorum aufert, cum commiscetur, ut predictum est. Sed et radicem et folia suertelen in aqua coquat, et tunc aqua expressa caput frenetici et, qui hirnewudich est, [gl: frenesis] ita calidos circumpone panno desuper ligato, [gl: caput] ut ita dormiat, et hoc sepe facias; et tunc radicem eiusdem swertelen in tenues rotunditates inci{n}de, ac eas in melle beizze [gl: fontium] et eidem frenetico, id est hirnewudigemo, da frequenter ad comedendum et sanabitur, quia uirtus herbe huius alieno calore temperata et etiam calore mellis suauificata feruentes

frequentemente [gl: sarna enfraquecida], e será curado. Com efeito, a ulceração surge do repentino calor dos humores em excesso, que é reduzido pelas qualidades da íris, e vencido pelo bom calor da banha, quando misturados.

Além disso, a pessoa que tem a pele da face dura como uma casca, ou que apresenta pústulas, ou ainda que tem uma cor ruim, esprema o suco das folhas e o dissolva, colocando-o num recipiente junto com água da fonte ou água de um grande rio. Aqueça um pouco <a solução> e lave [gl: à face] a face com ela. Faça isso frequentemente, e terá a cútis agradável, de cor boa e bela.

O fígado [gl: sinal] e também o pulmão quando têm calor excessivo produzem <calor> na face, e assim a cútis torna-se dura e pustulosa. A íris e a água fria da fonte, ou de um grande rio, quando misturados, levam a um calor moderado, conforme prescrito. Leve ao fogo raízes e folhas de íris <com água>, e a água obtida <por essa fervura>, ainda quente, embeba em um pano. Enrole <esse pano> em volta da cabeça de uma pessoa que estiver delirante, para que durma assim. E faça isso sempre. Corte a raiz da íris em rodela finas, e <as coloque> em um vinho (beizze) com mel [gl: das fontes] e dê com frequência para a pessoa delirante, isto é, hirnewudigemo, para comer, e ela será curada, porque o vigor desta

humores capiti illi insaniam inferentes mitigat, quia etiam calor mellis uenas cerebri et timporum hominis ad sensum reducit. Et etiam radicem eius cum Bono <uino> in mortario tunde, et uinum hoc per [gl: calculus] pannum colatum calefac, ac ita calidum da illi [gl: nota] bibere, qui steyn habet, et qui difficultate urine stringitur, et calculus in eo mollescit et loca urinalia, que constricta erant, aperiuntur, quoniam calculum de frigidis et liuosis humoribus nascentem uirtus herbe huius uincit et calor uini alterato calore accensus exsoluit.

erva combinada com o calor contrário e também suavizada com o calor do mel, alivia os humores ferventes da cabeça daquele que carrega uma certa loucura. O calor do mel reduz as veias do cérebro e das têmporas, levando à lucidez. Igualmente, esmague a raiz da íris no almofariz com um bom <vinho>, e aqueça esse vinho <preparado>, <previamente> filtrado através de um [gl: pedrinha] pano, e, desta forma, ainda quente, dê para a pessoa que tem cálculo beber, e também para aquele que está com dificuldade de urinar [gl: sinal]. <A íris> amolece o cálculo e os locais por onde passam a urina, que estavam constrictos, se abrem com o vigor desta erva que vence o cálculo que nasce do frio e dos humores da bile. O calor aumentado é dissolvido pelo calor do vinho preparado, <isto é, um elixir de íris>.

Também, contra uma lepra recente, corte a raiz dessa íris e, assim, ponha no leite de asna para que, ao mesmo tempo, sejam coagulados. E, em seguida, derreta banha de porco num prato [gl: lepra] e ponha a raiz esmagada <da íris> com leite de asna, junto dessa banha de porco num prato, e, ao mesmo tempo, cozinhe intensamente. Isso feito, filtre-o através de um pano, e coloque o licor em um recipiente, para que, então, obtenha um unguento.

Contra recentem quoque lepram radicem eiusdem suertelen tonde et sic in lac asine pone, ut simul coagulentur et mox sagimen¹³ porci in patellam [gl: lepra] funde, et tonsam radicem cum asinino lacte ad sagimen illud in patellam pone, et fortiter simul coque et hoc facto per pannum cola, et in uas liquorem excipe, ut inde unguentum habeas.

¹³ A palavra *sagimen* não existe em latim clássico. Du Cange (1710) a identifica como sendo sinônimo de *aruina* ("banha").

Deinde fac lixiuam¹⁴ de cineribus erlen; et qui leprosus esse incipit, scilicet cum lepra adhuc in eo recens est, lixiua ista primum corpus suum, ubi lepram sentit, lauet, et deinde predicto unguento se ibi ungat, et hoc sepe faciat et sanabitur. Nam lepra de calidis et frigidis humoribus et de flemacte nascens lixiua de acuta frigiditate erlen parata et cum ea purgata et de bona uirtute gladiole et calido lacte asine et calido sagimine porci unguento facto et cum eo peruncta minuitur, cum hec predicto modo contemperantur.

Em seguida, faça uma lixívia de cinzas de álamo (*erlen*); aquele que começa a desenvolver lepra, ou seja, quando a lepra estiver ainda recente, pode se lavar com essa lixívia onde sente a lepra, e, em seguida, se untar com esse unguento. Faça isso muitas vezes e será curado. Pois, a lepra que nasce dos humores quentes e frios e da fleuma é diminuída <quando> provida de uma lixívia bastante fria de álamo, e é purificada pela boa qualidade da íris, pelo leite quente de asna e pelo unguento feito da banha quente do porco. <Os humores> são moderados deste modo, conforme foi dito anteriormente.

A íris apresenta-se no texto com três denominações: *suertele* (também grafada como *swetule*) em médio alto-alemão, e, através dos nomes latinos, *acõrus* e *gladiola*, estando o primeiro presente somente na glosa. *Suertele* é uma espécie de íris azul (*Iris germanica* L.). Já *acõrus* significa "planta aromática" em latim clássico (TORRINHA, 2003). *Gladiola* é o plural de *gladiolum*, diminutivo de *gladius* "espada". Esse nome lhe foi dado à íris devido à sua forma, semelhante à de uma espada. Atualmente, o termo *Gladiolus* designa um gênero botânico que engloba em torno de 260 espécies de plantas bulbosas da família Iridaceae. A *Iris germânica*, porém, não está incluída nesse gênero, uma vez que pertence ao gênero *Iris*, também membro da família Iridaceae.

Scabies é empregado tanto para designar a lepra quanto a sarna, segundo o dicionário de latim clássico Gaffiot (1934). Repare-se que "escabiose", em português, é o termo médico para a sarna.

Encontramos a indicação de emprego das plantas *in natura* no verão, através de sucos verdes, e em forma de raízes e folhas secas no inverno, como a sanícula (Capítulo XLV – *sanicula*). No frio, normalmente, o consumo dos vegetais dava-se a partir de folhas secas, trituradas e fervidas com vinho e água, resultando, assim, num elixir. Em certos casos, as folhas (e, por vezes, também

¹⁴ De *lixa*, -ae (subentendido *aqua*): água para a decoação (ou decoada) da lixívia (água com cinzas (do latim *lixívia*, -ae), água quente para lavar (a roupa, principalmente). Em português, "lixívia" não é de uso corrente; observa-se que é uma palavra erudita, pois conserva a mesma forma do latim clássico. Em francês, entretanto, *lessive* é a palavra usual para designar "sabão para roupas".

os caules) eram misturadas com farinha (normalmente de espelta) e cozidas para serem consumidas como biscoitos. Por fim, podiam ser misturadas com banha de porco, resultando em unguento para uso tóxico.

A íris era uma planta de emprego polivalente, indicada tanto para uso externo quanto para uso interno. No primeiro caso, era empregada na forma de unguento para tratar lepra, sarnas, úlceras ou simplesmente para melhorar a cor e a textura da pele; no segundo, era usada na forma de elixir, embebida no vinho, para tratar delírios e cálculos renais.

O grau de desenvolvimento científico da atualidade mostrou que os isoflavonoides presentes na raiz e no rizoma da *Iris germanica* são responsáveis por estimular a regeneração da pele e promover sua hidratação (WELEDA, [s. d.]). Constatam-se, assim, que os ingredientes naturais da medicina hildegardiana continuam sendo empregados não só para a cura e a prevenção de várias doenças, mas também para fins estéticos, como é o caso da íris.

4. Considerações finais

Na atualidade, Hildegarda já recebeu de tradutores, teólogos e historiadores várias expressões qualificativas: “consciência iluminada do século XII” (PERNOUD, 1996), “grande figura, com uma grande obra, num grande século” (GORCEIX, 2011) e “profeta e doutora para o terceiro milênio” (DUMOULIN, 2012), apenas para citar alguns especialistas. De fato, Hildegarda foi uma figura excepcional na literatura latina medieval, pela quantidade e pela diversidade de sua produção escrita – que inclui, entre outros campos, cosmologia, medicina e poesia. Esse feito é extraordinário quando se leva em consideração que, na Idade Média, a grande maioria das mulheres não tinha acesso à educação e era submetida a uma vida de obediência aos pais e aos maridos. Nesse sentido, infelizmente, o percentual de mulheres que conseguiam ser aceitas no meio cultural, intelectual e de produção de conhecimento era extremamente reduzido. Portanto, o legado intelectual de Hildegarda, surpreendente nos dias de hoje, é mais impressionante ainda por ter sido realizado por uma figura feminina na época medieval. No que tange à medicina, sua obra se destaca de maneira tão especial que Dronke (1986) afirma que apenas Avicena seria comparável a ela.

Comparada à medicina convencional ou alopática, predominante no mundo inteiro e que vê o ser humano de maneira compartimentada, a concepção de saúde preconizada pela abadessa reunia bem-estar físico, emocional e espiritual. Os métodos terapêuticos empregados por ela são naturais, eficazes e praticamente sem efeitos colaterais. Dessa forma, a retomada da medicina natural aconselhada por Hildegarda nos estimula a buscar recursos alternativos para uma série de doenças que podem ser evitadas

e tratadas por uma medicina que foi chamada de “simples” na Idade Média, e que atualmente é vista como fitoterápica. A ciência moderna está conseguindo comprovar, cada vez mais, a validade e atualidade das variadas recomendações medicinais do *Livro de Plantas*. Strehlow (2003; 2018) e Hertzka (1993), bem como em seu livro em conjunto (1988), indicam aplicações atuais de várias plantas e gemas empregadas por essa santa do século XII. No que diz respeito à galanga, que pertence à família do gengibre, Hildegarda a recomendava para qualquer pessoa que sofresse de dores cardíacas. O doutor Strehlow, apoiando-se nas determinações presentes no *Livro de Plantas* e em *Causae et curae*, tem administrado, com sucesso, galanga para os que sofrem de angina, acompanhada de dores cardíacas, vertigem e insuficiências cardíacas (STREHLOW, 2018, p.31). Já do ponto de vista popular, percebemos a continuidade do uso secular de certas ervas, tanto para uso tópico e de ambiente quanto para uso interno, comprovando uma eficácia conquistada pelo uso empírico.

REFERÊNCIAS

Edições e traduções

BINGEN, Hildegarde de. **Letres**. Textes traduits du latin, présentés et annotés par Rebecca Lenoir. Grenoble: Jérôme Millon, 2007. 262 p.

BINGEN, Hildegard von; KLAES, M. (ed.). **Epistolarium III: CCLI-CCCXC**. Turnhout: Brepols, 2001. 352 p.

BINGEN, Hildegarde de; MONAT, P. (ed.). **Les causes et les remèdes**. Texte traduit du latin et présenté par Pierre Monat. Paris: Jérôme Millon, 2019. 302 p.

BINGEN, Hildegarde de; MONAT, P.; METTRA, C. (ed.). **Physica: Le livre des subtilités des créatures divines**. Texte traduit du latin, préfacé et annoté par Pierre Monat. Présenté par Claude Mettra. Grenoble: Jérôme Millon, 2011. 304 p.

BINGEN, Hildegard von; VAN ACKER, L. (ed.). **Epistolarium: I-XC**. Turnhout: Brepols, 1991. 427 p.

BINGEN, Hildegard von; VAN ACKER, L. (ed.). **Epistolarium II: XCI-CCL**. Turnhout: Brepols, 1993. 326 p.

BINGEN, Hildegard von; HILDEBRANT, R. **Physica**. Liber subtilitatum

diversarum naturarum creaturarum: Band 3: kommentiertes Register der deutschen Wörter. Marburg: De Gruyter, 2014. 420 p.

BINGEN, Hildegard von; HOZESKI, B. W. **Hildegard's healing plants**: from her Medieval Classic *Physica*. Boston: Beacon Press, 2001. 192 p.

BINGEN, Hildegard von; MÜLLER, I; SCHULZE, C. (ed.). **Physica**. Edition der florentiner Handschrift (Cod. Laur. Ashb. 1323, ca. 1300) im Vergleich mit der Textkonstitution der Patrologia Latina (MIGNE). Hildesheim, New York: Olms-Weidmann, 2008. 435 p.

MIGNE, J. P. (ed.). **Sanctae Hildegardis abbatissae opera omnia**. Patrologiae Cursus Completus. Series Latina, v. 197, col. 1117-1352, 1855. Paris.

Bibliografia secundária

ADAMSON, M. W. A reevaluation of Saint Hildegard's *Physica* in Light of the Latest Manuscript Finds. In: SCHLEISSNER, M. **Manuscript Sources of Medieval Medicine**: A Book of Essays. New York: Garland, 1995. p. 55-80.

46

BEYER DE RYKE, B. La vie culturelle en Occident aux XIIe et XIIIe siècles. **Calenda**. 2005. Disponível em: <https://calenda.org/190410>. Acesso em: 18 out. 2021.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Edição de Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002. 2206 p.

BLAISE, A. **Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens**. Turnhout: Éditions Brepols, 1954. 913 p.

DONKIN, R. **Between East and West**: The Moluccas and the Traffic in Spices Up to the Arrival of Europeans. Philadelphia: American Philosophical Society, 2003. p. 109.

DRONKE, P. **Donne e cultura nel medioevo**: Scrittrici medievali dal II al XIV secolo. Milano: Il Saggiatore, 1986. p. 201.

DU CANGE, C. Sagimen. In: **Glossarium ad scriptores mediae et infimae latinitatis**: Tomus III. Frankfurt am Main: Officina Zunneriana, 1710. p. 741. Disponível em: <http://mateo.uni-mannheim.de/camenaref/ducange/bd4/jpg/s0741.html>. Acesso em: 22 nov.

2021.

DUMOULIN, P. **Hildegarde de Bingen**: Prophète et docteur pour le troisième millénaire. 4. ed. Châteaudun: Bèatitudes, 2012. 306 p.

EIROA, C. Samambaia para proteção e trevo para autoestima: o lado mágico das plantas. **Universa Uol**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/15/samambaia-para-protecao-e-trevo-para-autoestima-o-lado-magico-das-plantas.htm>. Acesso em: 22 nov. 2021.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**: Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 2001. 833 p.

ERNOUT, A.; THOMAS, F. **Syntaxe latine**. Paris: Klincksieck, 1953. 522 p.

FAUTRIER, P. **Hildegarde de Bingen**: Un secret de naissance. Paris: Albin Michel, 2018. 352 p.

FLUCKIGER, F. A.; HANBURY, D. **Pharmacographia**: A History of the Principal Drugs of Vegetable Origin, Met with in Great Britain and British India. London: Macmillan and Co., 1874. 828 p.

47

FRAWLEY, D. Foreword. In: STREHLOW, W.; HERTZKA, G. (ed.). **Hildegard of Bingen's Medicine**. Rochester: Bear & Company, 1988. p. ix-xiii.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 1934. Disponível em: <https://www.lexilogos.com/latin/gaffiot.php?q=viriditas>. Acesso em: 12 out. 2021.

GIENGER, M. **Les pierres qui guérissent selon Hildegarde de Bingen**: Manuel de lapidothérapie, nouvelles découvertes sur d'anciennes sagesses. 7^a ed. Paris: Éditions Guy Trédaniel, 2020. 152 p.

GORCEIX, B. Présentation. In: BINGEN, Hildegarde de. **Le livre des œuvres divines**. Paris: Alban Michel, 2011. p. 9-110.

HERTZKA, G. **La petite pharmacie domestique de Hildegarde de Bingen**. Paris: Le Courrier du Livre, 1993. 236 p.

KEIL, G. Phytotherapie im mittelalter. **Scientiarum Historiae**, v. 20, n. 1-2, p. 7-38, 1994.

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. 6.^a Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011. 300 p.

LE GOFF, J. **Les intellectuels au Moyen Âge**. Paris: Éditions Du Seuil, 1957. 256 p.

LIS-BALCHIN, M. **Lavender: the genus Lavandula**. London: Taylor & Francis, 2002. 296 p.

MARTINS, M. C. S. **Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos lugares santos**. Uberlândia: Edufu, 2017. 324 p.

MARTINS, M. C. S. A peregrinação de Jerônimo e Paula. **Translatio**, v. 20, p. 198-230, 2020.

MOULINIER, L. Hildegarde de Bingen, les plantes médicinales et le jugement de la postérité: Pour une mise en perspective. **Scientiarum Historia**, v. 1, n. 2, p. 77-95, 1994.

48

MOULINIER, L. **Le manuscrit perdu à Strasbourg: Enquête sur l'oeuvre scientifique de Hildegarde**. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 1995. 286 p.

MOULINIER, L. Abbesse et agronome: Hildegarde et le savoir botanique de son temps. In: BURNETT, C.; DRONKE, P. (ed.). **Hildegard of Bingen: The Context of her Thought and Art**. London: Warburg Institute, School of Advanced Study, University of London, 1998. p. 135-156.

PAZ, X. C. S. Introdução. In: BINGEN, Hildegarda de. **O desfile das virtudes (Ordo virtutum)**. Coruña: Departamento de Filoloxías Francesa e Galego-Portuguesa da Universidade da Coruña, 1999. p. 11-68.

PERNOUD, R. **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 136 p. Tradução de Eloá Jacobina.

SALEHI, B. *et al.* Athyrium plants – Review on Phytopharmacy Properties. **Journal of Traditional And Complementary Medicine**, v. 9, n. 3, p. 201-205, jul.

2019.

SCHMITT, C. Theophrastus in the Middle Ages. **Viator**, v. 2, p. 251-270, jan. 1972.

STREHLOW, W. **Hildegarde de Bingen: Sa médecine au quotidien**. Paris: Guy Trédaniel Éditeur, 2003. 166 p.

STREHLOW, W. **Les trésors thérapeutiques d'Hildegarde: Achillée millefeuille, violette, galanga, pyrèthre d'Afrique: 4 puissants remèdes en cas de maladie, d'opération, de convalescence**. Eckbolsheim: Éditions du Signe, 2018. 159 p.

STREHLOW, W.; HERTZKA, G. (ed.). **Hildegard of Bingen's medicine**. Rochester: Bear & Company, 1988. 159 p.

SPINA, S. **Introdução à edótica**. São Paulo: Cultrix, 1977. 153 p.

TORRINHA, F. **Dicionário latino português**. 8ª ed. 2ª tiragem. Porto: Gráficos Reunidos, 2003. 947 p.

VON ECHTERNACH, T.; MUNIER, C. (ed.). **La vie de sainte Hildegarde de Bingen et les actes de l'enquête en vue de sa canonisation**. Paris: Cerf, 2000. 219 p.

WELEDA. **Íris**. [São Paulo]: Weleda do Brasil Laboratório e Farmácia Ltda, [s. d.]. Disponível em: <https://www.weleda.com.br/ingredientes-naturais/plantas-lideres/iris>. Acesso em: 11 de abr. de 2022.

Data de envio: 03/12/2021

Data de aprovação: 08/06/2022

Data de publicação: 15/07/2022